

## ÍNDICE



Prefácio .....	5
I — Ciência e razão .....	5
II — Intuição .....	21
III — As provas .....	26
IV — Consciência e mediunidade .....	30
V — Necessidade de uma revelação .....	32
VI — Monismo .....	35
VII — Aspecto estático, dinâmico e mecânico do universo .....	38
VIII — A lei .....	41
IX — A grande equação da substância .....	44
X — Estudo da fase matéria ( $\gamma$ ). A desintegração atômica .....	47
XI — Unidade do princípio no funcionamento do universo .....	49
XII — Constituição da matéria. Unidades múltiplas .....	51
XIII — Nascimento e morte da matéria. Concentração dinâmica e desagregação atômica .....	53
XIV — Do éter aos corpos radioactivos .....	55
XV — A evolução da matéria por individuações químicas. O hidrogénio e as nebulosas .....	56
XVI — A série das individuações químicas de H a U. O hidrogénio e as nebulosas .....	56
XVII — A estequiogénese e as espécies químicas desconhecidas .....	63
XVIII — O éter, a radioactividade e a desagregação da matéria ( $\gamma \rightarrow \beta$ ) .....	65
XIX — As formas evolutivas físicas, dinâmicas, psíquicas .....	69
XX — A filosofia da ciência .....	71
XXI — A lei do tornar-se (manifestação) .....	74
XXII — Aspecto mecânico do universo. Fenomenogénia .....	75
XXIII — Fórmula da progressão evolutiva. Análise da progressão nos seus períodos .....	79
XXIV — Derivação da espiral por curvatura do sistema .....	81
XXV — Síntese linear e síntese por superfície .....	82
XXVI — Estudos da trajectória típica dos motos fenoménicos .....	86
XXVII — Síntese cíclica. Lei das unidades colectivas e lei dos ciclos múltiplos .....	92
XXVIII — O processo genético do cosmos .....	96
XXIX — O universo como organismo, movimento, princípio .....	98



XXX — Palingénese .....	107
XXXI — Significado teleológico da obra. Pesquisa por intuição .....	109
XXXII — Gênese do universo estelar. As nebulosas. Astroquímica e espectroscopia .....	113
XXXIII — Limites espaciais e limites evolutivos do universo .....	117
XXXIV — Quarta dimensão e relatividade .....	120
XXXV — A evolução das dimensões e a lei dos limites dimensionais .....	122
XXXVI — Gênese do espaço e do tempo .....	124
XXXVII — Consciência e superconsciência. Sucessão dos sistemas tridimensionais .....	126
XXXVIII — Gênese da gravitação .....	131
XXXIX — Princípio de trindade e de dualidade .....	135
XL — Aspectos menores da lei .....	142
XLI — Interregno .....	148
XLII — A nossa meta. A nova lei .....	150
XLIII — As novas sendas da ciência .....	154
XLIV — Transposições biológicas .....	158
XLV — A gênese .....	161
XLVI — Estudo da fase $\beta$ : energia .....	163
XLVII — A degradação da energia .....	170
XLVIII — Série evolutiva das espécies dinâmicas .....	172
XLIX — Da matéria à vida .....	178
L — Nas fontes da vida .....	181
LI — Conceito substancial dos fenômenos Biológicos .....	184
LII — Desenvolvimento do princípio cinético da substância .....	187
LIII — Gênese dos motos vorticosos .....	189
LIV — A teoria cinética da gênese da vida e os pesos atômicos .....	193
LV — Teoria dos motos vorticosos .....	196
LVI — Paralelos em química orgânica .....	200
LVII — Motos vorticosos e caracteres biológicos .....	204
LVIII — A electricidade globular e a vida .....	209
LIX — Teleologia dos fenômenos biológicos .....	218
LX — A lei biológica da renovação .....	224
LXI — Evolução das leis da vida .....	229
LXII — As origens do psiquismo .....	234
LXIII — Conceito de criação .....	237
LXIV — Técnica evolutiva do psiquismo e gênese do espírito .....	240
LXV — Instinto e consciência. Técnica dos automatismos .....	243
LXVI — Rumo às supremas ascensões biológicas .....	248
LXVII — A prece do viandante .....	255
LXVIII — A grande sinfonia da vida .....	257
LXIX — A sabedoria do psiquismo .....	262
LXX — As bases psíquicas do fenômeno biológico .....	269
LXXI — O factor psíquico em terapia .....	273
LXXII — A função biológica do patológico .....	276
LXXIII — Fisiologia do supranormal. Hereditariedade fisiológica e hereditariedade psíquica .....	279
LXXIV — O ciclo da vida e da morte e a sua evolução .....	284
LXXV — O homem .....	291
LXXVI — Cálculo de responsabilidade .....	295
LXXVII — Destino. O direito de punir .....	300

LXXVIII — As vias da evolução humana .....	305
LXXIX — A lei do trabalho .....	308
LXXX — O problema da renúncia .....	312
LXXXI — A função da dor .....	316
LXXXII — A evolução do amor .....	325
LXXXIII — O super-homem .....	327
LXXXIV — Gênio e névrose .....	332
LXXXV — Psiquismo e degradação biológica .....	337
LXXXVI — Conclusões. Equilíbrios e virtudes sociais .....	342
LXXXVII — A divina providência .....	347
LXXXVIII — Força e justiça. A gênese do direito .....	350
LXXXIX — Evolução do egoísmo .....	357
XC — A guerra. A ética internacional .....	360
XCI — A lei social do evangelho .....	368
XCII — O problema económico .....	371
XCIII — A distribuição da riqueza .....	376
XCIV — Da fase hedonística à fase colaboracionista .....	381
XCIV — A evolução da luta .....	384
XCVI — Concepção biológica do poder .....	387
XCVII — O estado e a sua evolução .....	393
XCVIII — O estado e suas funções .....	399
XCIX — O chefe .....	404
C — A arte .....	409
Despedida .....	414
Índice alfabético analítico .....	421



tória se tocam, e assim a intuição reabre hoje, para os humildes, as portas da verdade.

Nos grandes momentos só a mão de Deus vos guia a todos, e ela está em acção hoje, como na época das maiores criações. Bem-aventurados aqueles que sabem, pelas vias da fé, chegar rapidamente à meta. O mais vasto saber é sempre pobre coisa em face do sincero e humilde ato de fé de uma alma pura. E a ciência racional debate-se em vão para sair do âmbito estreito em que a encerra sua própria racionalidade que, se a construiu, agora a limita, visto que toda construção não pode, como efeito, superar na sua mole a potencialidade dos meios empregados. A ciência racional se debate hoje, impotente, aos pés de um mistério sempre mais profundo: encontra-se aturdida em face de uma revolução completa de métodos e de formas de pesquisa, e se vê penetrada, sem mesmo se aperceber — ela que se supunha guia, e agora se vê conduzida pelas forças espirituais do mundo — por um factor, por um "quid" supraracional que se lhe afigura novo, que lhe foge porque supera os seus meios lógicos, que é mais subtil e, não obstante, mais forte que os seus meios objectivos. A racionalidade, único deus do mundo durante um século, se abate, desanimada, em face da explosão estranha e revolucionadora da alma humana que se transmuda e, por novos caminhos, penetra os fenómenos, atingindo directamente e por intuição o infinito, como realidade imediata. O homem tornará a fazer a grande descoberta de que um pensamento supremo desce do Alto e, na pesquisa fenomênica, a ciência, aturdida, verá introduzir-se este novo elemento imponderável, dantes relegado para o hipotético e para o absurdo — a bondade e a rectidão — valores morais que constróem a pureza e a potencialidade do instrumento psíquico, que se comunica por sintonia e afinidade.

Assim como, no templo, a música dos sons saturando o ambiente de harmonias acústicas, prepara o ânimo para a comunicação espiritual da prece, também a harmonia dos sentimentos e dos conceitos, atraindo mais amplas harmonias, tornará apta a alma para mais elevadas compreensões. A inspiração criadora substituirá, como meio normal, a lenta pesquisa racional, e a ciência verá a sua racionalidade posta de lado como meio secundário, insuficiente em face dos novos formidáveis problemas que só a visão directa pode enfrentar e resolver. E os que compõem a super-humanidade, que vão do cientista ao artista, do mártir ao herói, do génio ao santo,

até agora incompreendidos na sua função biológica de seres situados em mais alto nível do que a normalidade mediocre, dar-se-ão as mãos, executando sob mil aspectos e por mil modos o mesmo trabalho de iluminar e guiar o mundo. O super-homem, cidadão do tão esperado Reino de Deus, normalizará sua função colectiva, deixando à razão dos menores, dos tardios, dos últimos a chegar no caminho evolutivo, o trabalho mecânico da análise das grandes visões intuitivas, para as fixar e demonstrar à miope normalidade. A maturação desta super-humanidade constituirá a maior criação biológica da vossa evolução, representando a passagem para uma lei de vida superior, que vai da força para a justiça, da violência à bondade, da ignorância à consciência, do egoísmo destruidor ao amor construtivo do Evangelho. É esta a transposição da fase animal e humana, a mais alta vivida em vosso planeta. Nela culmina o esforço despendido nos milhões de milénios em que a evolução, ascendendo da matéria à energia, à vida, ao espírito, atinge os mais altos cumes, de onde vos lançareis ao encontro do infinito.

## XLV.

## A GÊNESE.

"No princípio criou Deus o céu e a terra... e as trevas estavam sobre a face do abismo...  
E disse Deus: haja luz. E luz houve.  
...e separou as águas... e chamou mares às coleções de águas.  
E disse: Germine na terra a herba verdejante...  
E a terra produziu a herba verdejante...  
Depois disse Deus: Produzam as águas os reptis animais e viventes, e os voláteis por sobre a terra e pela extensão do céu.  
E criou Deus os grandes peixes e todos os animais viventes... produtos das águas, segundo suas espécies...  
E disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança...  
E Deus criou o homem à sua semelhança... formou o homem do pó da terra e lhe soprou na face o sopro da vida; e o homem foi feito alma vivente.  
Tais foram as origens do céu e da terra..."

(PENTATEUCO — A GÊNESE, cap. 1).

Assim falou a inspiração de Moisés.  
Na sua intuição ele traçava o caminho da evolução do ser — que nós seguimos — da matéria ao espírito. No



transformismo evolutivo aparece primeiro a matéria: a terra. Move-se depois a energia: a luz. Nas cálidas bacias das águas, a mais alta forma evolutiva dinâmica concentra-se na potencialidade ainda mais alta de um novo Eu fenomênico e nasce o primeiro gérmen da vida, na sua primordial forma vegetal, que se alastrou depois sobre a terra e ascendeu às formas animais, sempre ansiosas de subir. E o impulso divino, sempre em acção, criou do pó da terra o homem, feito de matéria ( $\gamma$ ) elevada por fim à fase da consciência ( $\alpha$ , o sopro da vida). E aparece o homem, que resume em si a obra completa e a trindade divina do seu universo:  $\gamma$ ,  $\beta$ ,  $\alpha$ .

Tais foram as origens do céu e da terra.

Já apreciamos o nascimento da gravitação, a protoforça típica do universo dinâmico. Retomemos agora o caminho interrompido. A energia nasceu na sua primeira forma gravífica. Na íntima estrutura cinética da matéria, verificou-se uma mudança de ritmo e de direcção do movimento. A matéria despertou da longa e silenciosa maturação e revive num nível mais alto para se preparar a sustentar a centelha de que nascerá a vida. Na sua forma dinâmica, a substância indestrutível dá um passo mais acelerado no transformismo; o movimento de rotação planetária encerrado em si mesmo, no íntimo da matéria, explode no ritmo ascendente da onda que cria e multiplica os tipos dinâmicos. O movimento penetra a grande máquina do universo; uma nova lei estabelece um novo equilíbrio, mais complexo na sua instabilidade; o grande organismo não só existe, como funciona e se prepara para viver. Eis que nos espaços incomensuráveis se desenvolve um girar, um avançar sem limites; a matéria é invadida por uma nova vibração que a lança em elipses, em espirais, em vórtices; as correntes dinâmicas canalizam-se, equilibram-se e se precipitam, fulmíneas, em todas as direcções, para tudo mover e animar. Nascida apenas,  $\beta$  se individualiza e diferencia;  $\gamma$ , exteriormente, fora da órbita do seu íntimo turbilhonar, estava inerte;  $\beta$  expande-se em todas as direcções, enche e coliga os espaços, numa rede de ações e de reacções. O funcionamento orgânico do universo afirma-se e se complica. A gravitação liga e coliga as suas partes, mantendo-o unido. O impulso centrífugo abre os vórtices e dilata o movimento. Ao estático da maturação cega e muda da matéria, sucede um estático mais instável, todavia igualmente perene, das forças em equilíbrio. A treva tingem-se de luz, o silêncio ecoa de sons, o universo anima-se; tem calor e frio,

respira, assimila, tem sua circulação que o nutre, possui seu recâmbio dinâmico e físico, tem sua saúde e suas doenças, sua juventude e sua velhice, conhece a vida e a morte.

Acendeu-se nos espaços um palpitar totalmente novo, vibração sem descanso de forças que fogem em busca de equilíbrio. Eis que a Lei instantaneamente disciplina toda forma dinâmica, ao seu primeiro surgir. Toda forma de  $\beta$  aparece exactamente individuada por uma sua férrea lei individual, que é o seu modo de ser, e no imenso turbilhão a ordem reina sempre, soberana. O aspecto conceptual, nesta sua fase mais alta, é ainda mais transparente. E, num universo tão amplo e complexo, quem, senão o pensamento divino da Lei, disciplina tão imenso desenvolvimento de forças? Tudo parece ocorrer automaticamente, porque a mão de Deus não é coisa exterior e visível, mas um conceito, que é a alma das coisas. E as rotações astronómicas realizam-se com exactidão matemática; a gravitação, a luz, o calor, a electricidade, o som e todas as formas dinâmicas sabem o seu caminho e, a todo momento, em todas as suas manifestações, numa própria consciência instintiva, a grande Lei fala.

No entrelaçamento dessas forças está, ainda agora, a base da vossa vida; o seu modo de ser e de agir, exactamente definido e constante, rege a palpação regular que vos sustem; proporciona as radiações solares às necessidades do planeta, guia as correntes aéreas, regula a síntese e a permuta das substâncias protéicas e, nos organismos, a assimilação, o crescimento, a respiração, a circulação, a reprodução, os nascimentos, as mortes, e todos os fenómenos sociais.

Os mais complexos fenómenos realizam-se perfeitos, indiferentes ao conhecimento que deles tendeis ou à vossa vontade, até mesmo os que regulam vossa própria vida. Se ao vosso esforço nada mais é deixado que o trabalho do vosso progresso, as forças que vos guiam bem conhecem, por si mesmas e melhor do que vós, o caminho a seguir. Desta consciência linear (de 1.<sup>a</sup> dimensão) do universo dinâmico, já falámos.

#### XLVI.

#### ESTUDO DA FASE $\beta$ : ENERGIA.

Observando a manifestação e transformação das formas dinâmicas, delinearemos agora, também, as características das individuações típicas, e na sua transformação reencontraremos



Cada forma do ser se reduz a um estado cinético diferente. Deus criou, pois, pela transformação da substância prima pensante, o espírito  $\alpha$ , em energia,  $\beta$ , que representa a fase cinética da ação que expressamos pelos verbos, a fase de volição e de movimentação — para depois chegar, enfim, à terceira fase do processo, à de matéria,  $\gamma$ , a forma, a criação, obra completada. Neste sentido, podemos dizer que o criado contém e exprime o pensamento de Deus, como podemos dizer que toda obra humana contém e exprime o pensamento do homem que a realizou.

Assim Deus, através do dinamismo  $\beta$ , por Ele mesmo desenvolvido, pôde retirar da fase concreta  $\alpha$ , a terceira fase conclusiva do processo, a forma na matéria,  $\gamma$ . Nesta o livre estado cinético da fase energia, concentrou-se nas trajetórias fechadas dos seus átomos constitutivos, podendo assim o primeiro pensamento encontrar a sua expressão. Semelhantemente age o homem quando, por uma ação menos interior, mais de superfície e secundária, modela as cousas apenas na sua estrutura exterior e não na sua íntima substância constitutiva. Medeia naturalmente imensa distância, mas o tipo do esquema criador é o mesmo. Para agir de qualquer maneira, o homem, uma vez concebido o plano, põe-se em condições de executá-lo, dinamiza-o na ação, passando assim, de  $\alpha$ , o estado espiritual da concepção, para  $\beta$ , o estado cinético criador. Dêste deriva, finalmente, a última fase do processo, o ato executado, resultante dos dois primeiros momentos, a obra concreta que, na forma, exprime a idéia originária. O nosso universo, a criação, representa esta terceira fase. De tudo isto êle conserva traços, sendo guiado pelo pensamento, movido pela energia, constituído pela matéria. E assim também se dá com o nosso pró-

prio organismo, feito de espírito (funções diretivas), depois de trocas e movimento (dinamismo da vida) e, afinal, de um organismo físico (baseado na matéria)\*. E assim como o universo se desenvolveu da sua causa primeira — Deus — assim também o feto, o corpo e todo o homem, desenvolveu-se da causa primeira, motor primeiro de tudo — o espírito.

\* \* \*

Esta concepção da estrutura do *tudo* e do processo criador, encontra confirmação não só na constituição do nosso universo, na natureza do homem e dos seus processos criadores, mas também em algumas das mais recentes teorias científicas, como a do espaço — dinâmica, em que se concebe o espaço, não como uma extensão geométrica, mas substanciado de uma densidade própria e dotado de uma mobilidade, como um fluido. O homem conferiu ao espaço de uma forma inteiramente arbitrária, os dois atributos de vacuidade e imobilidade, sem saber se êles efetivamente correspondem à realidade física. Há, no entretanto, uma única realidade constitutiva do universo físico: o espaço fluido e móvel e o seu movimento. Os movimentos circulares desta substância conformam os sistemas atômicos e astronômicos, de que resulta a matéria. Os seus movimentos ondulatórios constituem a energia. Assim todos os fenômenos se reduzem a uma mecânica universal, dada pelo movimento do espaço, derivado dêste fenômeno fundamental único e basilar de que tudo emana no universo — o estado cinético do ser, em que vimos sempre a gênese de todas as cousas.

(\*) Cfr. "A Grande Síntese", fim do Cap. XI.



Eis, pois, um espaço — substância que não é vazio nem inerte, mas por sua natureza é genético da matéria, isto é, possui as qualidades aptas à formação, no seu seio, das condensações ou concentrações que se denominam matéria. Ora, uma das conclusões a que chegamos no fim do volume “Problemas do Futuro”, é que a própria ciência, penetrando nos recessos mais íntimos da matéria, verificou que ela se dissolve em energia, perdendo-se, por fim, no campo abstrato do pensamento puro. Efetivamente, o elétron, último elemento a que se chegou até hoje na decomposição da matéria, segundo as mais recentes indagações físico-matemáticas, não possui mais nenhum conteúdo físico, representando apenas um diminuto acervo de ondas. O último termo da realidade não passa, pois, de uma concentração de energia ondulatória, tanto mais fácil e exatamente localizável, quanto mais diferem entre si as frequências componentes do diminuto feixe de ondas. Eis, pois, que o extremo resíduo material, o elétron, se desfaz em ondas. A substância fundamental, material de construção das cousas, é um puro campo eletro-magnético, desaparecendo toda idéia de substrato material. Cai, assim, qualquer significado físico real e resta apenas o lógico de representar a probabilidade matemática que o elétron se encontre, em dado instante, em um determinado ponto do espaço. E se o próprio elétron é hoje concebido como uma concentração de energia, no que então se torna a matéria que dele resulta, se a energia mesma se concebe atualmente como uma abstração matemática: “a constante de integração de uma equação diferencial”?

Tudo isto para demonstrar como a própria ciência tende hodiernamente a reconduzir o mate-

rial constitutivo do universo físico à sua realidade útil, que é a de ser uma substância pensante. O universo, com efeito, não é explicável senão reconduzido ao seu termo extremo e entendido este termo como um puro conceito, único capaz de nos exprimir a essência das cousas. Assim a indagação científica percorreu o caminho inverso ao que Deus seguiu para, com a criação, chegar à manifestação do Seu pensamento. Desta maneira, a ciência da matéria retornou a Deus e no fundo desta encontrou o Seu pensamento animador, isto é, a presença de Deus imanente. Tudo isso corrobora o processo acima exposto da criação e, ademais, nos auxilia a compreender, confirmando-a, a concepção de um espaço — substância de per si genética da matéria, concepção esta que assim se enquadra em um sistema cósmico.

Eis, pois, de como pelo físico-dinamo-psiquismo, concepção fundamental de “A Grande Síntese”, podem ser orientadas, em um plano mais vasto, acessível apenas pela intuição, as últimas conclusões parciais da ciência moderna, que da dispersão analítica são reconduzidas à unidade, em estreito monismo. Podemos, assim, logicamente chegar ao conceito de espaço-substância, derivando-o do conceito de energia-substância, e este do de pensamento-substância. Temos, pois, uma eterna e indestrutível substância que do estado de pensamento puro-espírito,  $\alpha$  — pode passar ao de energia,  $\beta$ , e deste, finalmente, ao de matéria,  $\gamma$ , involutivamente e vice-versa, evolutivamente, permanecendo sempre ela a substância do *todo*, o último, irreduzível elemento da realidade, que só pode ser Deus, centro do ser, princípio e fim de todas as suas transformações.

Podemos, assim, compreender como a Substância, (que agora escrevemos com S maiúsculo)